

Nome: Suzan Calu Esenacher

Informações da Escola:

Nome da Escola: EMEB Sonia Regina Hernandez de Lima

Cidade: São Bernardo do Campo

UF: SP

Informações do Projeto:

Categoria: (TEMA LIVRE) Educação Infantil

Projeto: Entre Luzes e Sombras - A ludicidade desvelando a ciência por trás deste contraste.

RESUMO: Ao longo do projeto Entre luzes e sombras as crianças trabalharam com conteúdo da ótica, a partir de vivências lúdicas de fenômenos do cotidiano: a luz, a sombra, a cor, a mistura de cores e a ausência de cor. Conheceram dispositivos de experimento com luz (disco de Newton e prisma) e ensaiaram a composição de cores a partir das obras do artista Jackson Pollock, e puderam brincar com tintas e se descobrirem artistas, misturando arte com ótica. Com o projeto as crianças tiveram ganho significativo em relação a observação de fenômenos concernentes à luz, e à verbalização de explicações de fatos do cotidiano, relacionando causa e efeito.

JUSTIFICATIVA: Este projeto nasceu a partir da minha visita a um workshop produzido pela empresa fornecedora de energia elétrica da cidade, AES Eletropaulo, em meados de abril. O objetivo geral do encontro era capacitar educadores para multiplicarem em sala de aula conceitos e práticas socioambientais para combater o desperdício de energia. Mas como trabalhar com crianças tão pequenas um conceito tão abstrato como “energia”, “luz elétrica e luz natural” e “economia” no uso de energia? Esta era a questão com que eu tinha que lidar. Como parte do workshop enviamos pesquisa para casa sobre os hábitos relativos ao uso da energia elétrica. Apesar de reconhecer a importância deste conceito, decidi encaminhar o trabalho por outra via. É claro que a energia elétrica foi foco de nossa atenção, garantindo que práticas básicas fossem adotadas por nós e verbalizadas junto às crianças: apagar a luz ao sair da sala, não ligá-la caso a luz ambiente fosse suficiente, desligar aparelhos assim que não fossemos mais usá-los, etc. Assim a energia elétrica foi utilizada, junto com as crianças, de forma consciente durante o percurso, através das nossas práticas, e das conversas geradas em casa pela pesquisa.

CONTEXTO: O Bairro - Nosso bairro localiza-se em área de manancial, às margens da Represa Billings e da Mata Atlântica, em algumas áreas em seu estado natural de preservação. Apesar de ser considerada área de proteção ambiental, foi ocupada de forma desordenada. As moradias na sua maioria são de alvenaria, poucas de madeiras. As construções variam de acabadas ou semi-acabadas. Nossa unidade escolar está bem próxima a um braço da Represa Billings. A Creche - O espaço é dividido em dois pavimentos com acesso um ao outro por meio de rampa: Pavimento Inferior: possui uma secretaria, uma sala de reuniões para os professores e coordenadora, sala da diretora, um banheiro para adultos, um banheiro infantil com cuba de banho e trocador, um refeitório amplo e arejado, um ateliê de artes completamente azulejado e uma sala de aula com seis janelas e duas portas. Fora do acesso das crianças neste pavimento encontra-se a cozinha com dispensa e almoxarifado para materiais diversos. Pavimento Superior: um banheiro adaptado para portadores de necessidades físicas e um banheiro infantil com cuba de banho e trocador, pátio coberto e solário emborrachado, uma sala adaptada para o acervo de livros e duas salas de aulas amplas com seis janelas e duas portas cada. Fora do acesso das crianças neste espaço está a lavanderia e um corredor adaptado como sucateiro. A unidade conta ainda com um gramado na área externa, utilizado frequentemente pelas turmas para realização de atividades do corpo e movimento enquanto tomam sol, condição fundamental nesta idade. As crianças - As crianças participantes do projeto eram vinte e três. Tinham entre vinte e quatro e trinta e seis meses de idade. Algumas crianças já haviam frequentado a creche no ano anterior. Em relação à oralidade, nosso grupo apresentava diferentes características: crianças que se comunicavam por frases completas com elementos gramaticais bem empregados, outras que faziam uso de palavras e aqueles que usavam de sílabas simples ou apontes para comunicar suas necessidades. Algumas ainda faziam uso de fraldas e traziam consigo um pedacinho de casa em seus objetos de apego como paninhos, chupeta e fotos da família. Diante dessas especificidades nos debruçamos primeiramente sobre o aspecto de acolher e aconchegar, procurando oferecer bem estar, conforto físico e emocional, ampliando significativamente nosso papel e responsabilidade como educadores de crianças pequenas neste primeiro contato. (Vide anexo I) A família - Em sua maioria as crianças são filhas de mães trabalhadoras. Mas mesmo com tempo exíguo, seus familiares participaram do projeto através das reuniões formativas trimestrais que nós, os professores, preparamos. Desta forma nos ajudaram a ampliar e difundir os saberes das crianças através da vivência em casa dos conceitos e experiências que planejamos em cada encontro. A participação e integração da família no espaço escolar, também acontecem nas reuniões mensais de APM e Conselho de Escola e nos sábados letivos em que planejamos as trocas dos saberes da comunidade do entorno.

OBJETIVOS: Quem trabalha com crianças pequenas sabe como uma fonte de luz pode

chamar-lhes a atenção, e como um simples “acende e apaga” se transforma numa divertida brincadeira. Brincar com a própria sombra, tentar pegá-la e entreter-se com seus movimentos também faz parte do universo de interesse das crianças. Por meio das brincadeiras as crianças constroem e reconstróem saberes que as ajudam a compreender o mundo. Segundo Suely Amaral Mello, em seu texto “A educação de crianças de 0 a 3 anos “Tudo o que somos é resultado das experiências de vida e de educação que tivemos desde que nascemos (...) A criança forma as bases de sua inteligência com as experiências que vive, com situações que participa, com aquilo que faz e com tudo o que aprende fazendo”. Trazer o conhecimento científico para crianças pequenas era nosso objetivo, uma vez que nos reconhecemos como profissionais formadores da inteligência, abordando temas da área da Física, problematizando situações cotidianas para descortinar o olhar das crianças ´para acontecimentos que ocorrem ao seu redor, levando-os a se apropriarem de explicações acerca dos fenômenos provocados pela luz e pela sua ausência. Para isso usamos a luz do sol, das lanternas, a luz da sala, como fontes de energia e como disparadores da curiosidade infantil e diversas atividades lúdicas e científicas de forma a alimentar os saberes das crianças, conforme o que prescreve as Diretrizes curriculares Nacionais em seu artigos 3º, 4º e 8º. (Vide anexo II) Nossas propostas consistiram em oportunizar para as crianças situações que as levassem a observar alterações no tamanho das sombras, da posição em relação ao sol, da relação entre a falta de luz e a falta de cor buscando ampliar seu repertório oral, tanto introduzindo novas palavras como construindo frases com o intuito de explicar o que viam, ou ainda levá-los a compreenderem suas causas. Ao longo do percurso incorporamos também experiências da arte, de modo a valorizar as cores que a luz cria e favorecer o desenvolvimento da capacidade criativa e expressiva das crianças.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Algumas etapas foram previstas e documentadas durante a realização do projeto. Foram elas: 1. Planejamento: • Levantamento das características, interesses, saberes e necessidades da turma; • Esboço inicial de um projeto para discussão entre os pares; • Escrita do projeto, considerando os princípios: - de valorização do saber da criança; - protagonismo da criança nos rumos do projeto. • Elaboração de um layout da exposição para as famílias na Mostra Cultural, discutido entre os pares, garantindo mostrar a exposição considerando os princípios: - de interação do visitante com os conhecimentos produzidos pelas crianças; - visibilidade às aprendizagens infantis. 2. Desenvolvimento: 2.1 Atividades que provocassem a curiosidade das crianças • Divertindo-se com sombras – preparar um ambiente escuro com lençol branco e data show para que as crianças explorem os efeitos produzidos por alguns objetos (brinquedos e sucatas), reconhecendo-os, nomeando-os e percebendo as distorções; • Brincar no espaço externo para observar as sombras produzidas no chão e desenhar com giz as sombras das crianças em diferentes lugares; • Apresentação do vídeo “DE ONDE VEM O ARCO IRIS” produzido pela TV cultura; • Apresentação do artista Jackson Pollock em vídeo e imagens com ênfase na sua maneira de produzir arte;

2.2 Atividades que utilizassem os novos saberes das crianças • Coreografia atrás do lençol - preparar um ambiente escuro com lençol branco e data show para que as crianças dançam e reinventem movimentos. Levar o grupo a perceber as alterações de tamanho das sombras. • Elaboração de um painel de fotos de sombras individuais (perfil) para que as crianças se reconheçam e façam o reconhecimento dos colegas e educadoras; • Construir uma cabana para exploração de lanternas. Brincar com a luz da lanterna sob as mãos e pés bem próxima a eles, para que observem o que acontece. Colocar a lanterna acesa perto de alguns objetos para que observem quais deles a luz atravessa e quais não. (potes plásticos, bola, bexiga, entre outros). • Observar através de chapas de raios-X a posição do sol e a posição da sombra (manhã e tarde). Riscar o chão com giz contornando uma criança para que em seguida as demais pintem com tinta a sombra produzida pela manhã (Marcar no chão um ponto em que criança deverá permanecer). À tarde retomar a atividade com a mesma criança e em cima do mesmo ponto marcar da mesma forma a posição da sombra. (pintar com as crianças a nova posição); • Brincar com CDs e espelhos em vasilhas de água sob o sol para visualização da decomposição da luz branca; • Construção de um disco de Newton para visualização da composição da luz branca; • Visita ao Sabina – Parque Escola do Conhecimento, em Santo André, para constatação das experiências vivenciadas na escola; • Experimentação da técnica de gotejamento com brocha, tinta e papelão no chão; • Experimentação da técnica de espirros de tinta com bisnagas de ketchup em papel pardo sobre a mesa; • Experimentação da técnica de espirros de tinta com borrifadores em papel pardo forrado na parede; • Pintura do muro externo da nossa creche mesclando todas as técnicas vivenciadas; 2.3 Atividades que registrassem as aprendizagens Registros diários dos professores, fotos, filmagens, atividades intersalas com foco nos projetos onde as crianças se envolveram livremente nas propostas, escrita de relatórios individuais de aprendizagem, confecção de telas. 3. Avaliação: Ao longo do desenvolvimento do projeto, foram realizados encontros entre o trio de educadores da sala, entre os educadores e a gestão da escola, e entre todos os educadores da escola (em HTPC e Reunião Pedagógica) com o intuito de avaliar as aprendizagens das crianças.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: Para dar início ao nosso projeto “Entre Luzes e Sombras” preparamos a sala de modo que não houvesse incidência de luz, para isso cobrimos com cobertores as janelas e portas. Nosso objetivo nessa atividade foi apresentar às crianças o ambiente modificado e os objetos que trabalharemos em outras etapas do projeto. • Data show – também chamamos de fonte pontual de luz em outros momentos deste registro, sua função era a de propagar a luz; • Lençol branco que será nosso anteparo neste processo e teve a função lúdica de projetar as sombras e penumbras em ambos os lados; • Brinquedos, mãos e corpos inteiros que se tornaram os objetos iluminados. Com o grupo reunido, falamos do trabalho que desenvolveríamos e das muitas brincadeiras que seriam feitas com sombras no escuro,

e por isso a sala estava modificada. A princípio posicionamos as crianças de um lado do lençol para que observassem as imagens projetadas e fizessem o reconhecimento dos objetos através das suas sombras. Em seguida passamos a convidar individualmente algumas crianças para que pudessem fazer elas mesmas a escolha de um objeto e a exibição atrás do lençol, para que os amigos reconhecessem qual era o objeto. E por fim... Exploração livre! Assim todas as crianças puderam brincar juntas. Observamos durante a livre exploração o entusiasmo das crianças e o quanto aquela atividade foi atraente para os pequenos. Algumas crianças demonstraram medo a princípio; então nos mantivemos próximas a elas, e aos poucos, de mãos dadas, fomos aproximando-as da brincadeira, o que deu muito certo, pois ao repetirmos a experiência em outros dias, aquelas crianças que demonstraram receio começaram a interagir e brincar com os recursos com mais independência e confiança. (Vide anexo III)

METODOLOGIA: No decorrer do projeto, nós educadores, fizemos pesquisas e visitas com o objetivo de ampliar nossos próprios saberes para proporcionar novas vivências às crianças. Visitamos o laboratório de física da Universidade de São Paulo e fomos recebidas pelo físico Claudio Furukawa que nos mostrou maneiras simples de apresentar os fenômenos da física para as crianças, entre eles um prisma feito com um pouco de água e um espelho, além do uso das lupas na formação das sombras. Com estas experiências Claudio nos mostrou como ajudar as crianças a compreenderem melhor fatos relacionados a luz que ocorrem no seu entorno como, por exemplo, o arco íris e também a construir uma base para outras aproximações com o tema para os anos seguintes de estudo das crianças. (Vide anexo IV) Coreografia atrás do lençol Trouxemos para a sala previamente escurecida, Data show e lençóis – e para deixar o ambiente ainda mais divertido trabalhamos com a idéia de um baile, com música animada, fantasias e adereços na cabeça. Na etapa anterior nosso objetivo principal foi a exploração, de forma que o material passasse a ser conhecido pelas crianças e seu foco de atenção pudesse migrar para os efeitos produzidos pelos materiais. Durante a atividade levamos o grupo a perceber que a sombra mudava de tamanho conforme se movimentavam. Questionamos o que precisavam fazer para controlar o tamanho da sombra. Para que pudessem entender esse conceito da ótica conhecida por refração, usamos os corpos de duas crianças na problematização com o grupo. A refração caracteriza-se pelo desvio da luz, neste caso os corpos das crianças provocaram esse desvio quando entraram na frente do raio de luz. Essa ausência de luz que vemos no anteparo chamamos de sombra ou penumbra. Sombra é o contorno exato do objeto que bloqueia a passagem da luz e penumbra é o contorno deformado deste objeto. Apresentamos este conceito através desta experiência. Durante a atividade as crianças ficaram eufóricas com a possibilidade de mudarem de tamanho e se mantiveram bem próximas da fonte de luz, provocando penumbras enormes, cobrindo uns aos outros com suas mãos gigantes, caminhando para frente e para trás experimentando formas e dando significado ao conceito da refração. Considerando que são crianças de dois e três

anos, é importantes lembrar que embora estejamos aproximando-as de conceitos científicos, nossas propostas sempre são lúdicas, de forma que as crianças possam literalmente brincar com o conceito, neste caso, com o tamanho da sombra. (Vide anexo V) **Fotografando sombras** Nesta etapa usamos a fonte pontual de luz, o anteparo e a câmera fotográfica para eternizar as sombras produzidas pelas crianças. As crianças se colocaram uma a uma próximas do anteparo para garantir a fidelidade da sombra e do outro lado às fotografamos. Trabalhamos com a posição frontal da criança e a de perfil para facilitar o reconhecimento posterior pelo grupo. As crianças ficaram atentas às nossas indicações de distância, observando o efeito que as mudanças produziam e se demonstraram totalmente envolvidos na atividade. No dia seguinte apresentamos ao grupo as imagens, para que a partir das características físicas pudessem reconhecer e nomear o colega fotografado. Durante a visualização os pequenos foram assertivos no reconhecimento e foram capazes de dizer até mesmo quem estava sorrindo no momento da foto, fazendo a reconstituição da expressão. Elaboramos um painel com as fotos desta etapa para que as crianças pudessem analisá-las sempre que quisessem ao longo do dia. (Vide anexo VI) **Envolvendo as famílias em uma atividade lúdica** Na reunião de pais propusemos como dinâmica esta atividade de reconhecimento para que os familiares também pudessem reconhecer as sombras produzidas dos seus filhos. Após a dinâmica os convidamos a produzirem sombras e fotografamos para posteriormente apresentar às crianças. No momento da apresentação aos pequenos, mantivemos um clima de suspense e dissemos apenas que íamos ver algumas fotos, mas não demorou muito para perceberem que se tratava das sombras das mães e dos papais. As crianças ficaram eufóricas e pediram para beijar e passar a mão nas imagens refletidas. Nessa proposta os pequenos se encheram de afeto com a presença dos familiares, ainda que por foto, mostrando como a afetividade e o saber se entrelaça. (Vide anexo VII) **Brincando com lanternas** Nesta etapa escurecemos a sala, depois reunimos as crianças para mostrar-lhes a lanterna apagada e acesa. A reação das crianças ao ver que podiam manipular aquele objeto foi de muita euforia principalmente quando descobriram que podiam controlar o ponto de luz movimentando a lanterna. Após dissiparem a curiosidade com a manipulação das lanternas, propusemos um desafio usando um túnel de lona na sala escura. As crianças já conheciam esta brincadeira de travessia do túnel em locais claros, e já sabiam da necessidade de engatinhar dentro dele. Conhecíamos, porém, o receio de alguns para efetuar essa atividade, justamente pela ausência de luz dentro do túnel. Então oferecemos a lanterna para todas as crianças para aumentar a confiança, iluminando o caminho a ser percorrido. Durante a atividade cada educador se manteve em uma das extremidades para orientar a entrada e incentivar a saída, falando com eles para animar o percurso. (Vide anexo VIII) **Etapas Complementares** Trouxemos para a sala escura livros de literatura infantil, com imagens grandes e atraentes, e fizemos uma contação de história iluminando as páginas com a lanterna. A turma ficou muito atenta e ansiosa por visualizar as imagens, já que estas só eram apresentadas ao término da leitura de cada página. Outra proposta com livro que fez

bastante sucesso foi a de procurar por sombras em suas ilustrações. As crianças passaram a procurar e identificar na maioria dos outros livros. Agora o elemento que antes passava despercebido, tornou-se parte do olhar dos pequenos. (Vide anexo IX) Contornando sombras Nesta etapa as crianças foram instigadas a observar os contrastes e brincar com os resultados derivados das experiências em diferentes ambientes. Sob a luz do sol brincamos de fazer poses e contornar as sombras com giz, deste modo ampliamos o repertório de suas brincadeiras e a exploração do espaço físico da creche, além de chamar-lhes a atenção para o fenômeno sombra em ambiente externo. (Vide anexo X) Etapa complementar Em papel pardo realizamos o contorno das sombras de todas as crianças e depois recortamos a imagem. Na sala de aula elaboramos uma exposição dos contornos para apreciação e reconhecimento pelo grupo. Nesta atividade as crianças puderam abusar das posições na hora do desenho e isso facilitou o reconhecimento dos colegas que passaram a reproduzir algumas posições observadas no momento da proposta. (Vide anexo X) Posição do sol Na da etapa anterior passamos a chamar a atenção das crianças para o contorno das sombras produzidas pelos corpos iluminados pelo sol. Durante esta nova etapa levamos as crianças a perceberem que em determinados horários as sombras que contornávamos ficavam feias e não diziam muito sobre as crianças, não era possível reconhecê-los apenas pelo contorno. Na busca por respostas, nós educadores encontramos a seguinte informação: “... as sombras variam dependendo da posição aparente do Sol no céu. Se o Sol está no nascente, as sombras são longas e se projetam em direção ao poente. Aproximadamente ao meio-dia, as sombras são menores e podemos vê-las sob os nossos pés. À tarde, quando o Sol se põe, as sombras ficam novamente longas e se projetam em direção ao nascente. Durante o dia, portanto, as sombras, mudam em comprimento e em direção.” (portaldoprofessor.mec.gov.br) Levamos a turma para observarem a posição do sol com chapas de raios-X fornecida pelos familiares e funcionários da nossa creche e com ajuda do relógio para marcar os horários de investigação e do João Pedro posando para nós, passamos a contornar seu corpo em diferentes horários do dia. As crianças desenvolveram o hábito de produzirem penumbras grandes nas etapas com data show e as sombras achatadas não as empolgavam. A pesquisa e registro da sombra do colega em diferentes horários foram decisivos para determinar os momentos em que a brincadeira seria mais atrativa. Com esta atividade as crianças perceberam que suas sombras só ficariam completas após o horário do repouso, ou seja, às 14 horas e a brincadeira ficaria melhor se os detalhes de cada um pudessem ser vistos. (Vide anexo XI) De onde vem o arco íris? Para dar cor em meio a tantas luzes e sombras trouxemos para as crianças um vídeo produzido pela TV Cultura que mostrava a pesquisa de uma criança ao observar que através dos elementos água e sol era possível a formação de um espectro solar. Quando a luz branca do sol penetra nas gotículas de água presentes no ar acontece também a refração. A luz do sol ao penetrar na água é desviada de direção e dá origem às sete cores básicas do espectro solar comumente conhecido como arco íris. A experiência feita com um prisma por Isaac Newton em 1665 para explicar a

decomposição da luz branca do sol e a composição da luz mostrada através de um disco colorido foram apresentados para as crianças pela Kika, personagem curiosa que busca respostas científicas a partir das suas brincadeiras cotidianas. Após o vídeo seguimos para o solário com bacias cheias de água, CDs e espelhos. Depois foi só brincar para comprovar. (Vide anexo XII) **Visita ao SABINA (Escola Parque do Conhecimento)** No Sabina, em Santo André, as crianças também participaram de algumas atividades semelhantes às vivenciadas previamente na escola e puderam confirmar suas hipóteses, na medida em que foram apresentados aos fenômenos da óptica pelas monitoras. Um fato que nos chamou bastante atenção durante a visita foi o público que estava visitando a exposição na área da Física no Parque. Adolescentes com idades entre quinze e dezessete anos e nós também estávamos lá, orgulhosas ao ver nossos pequenos interagindo, mostrando conhecimento e imersos em um mundo em que só os grandes são esperados, reconhecendo a capacidade dos nossos alunos a cada questionamento das monitoras: “Mas eles vão entender?” “Tem certeza que eles vão prestar atenção?” É claro que eles podem, que eles entendem e que eles aprendem. (Vide anexo XIII) **Conhecendo Jackson Pollock** A experiência com arco Iris nos aproximou das cores da arte. Pintor americano, Pollock, expoente máximo do expressionismo abstrato, usava o gotejamento como principal técnica. Expressava sentimentos ao “jogar” a tinta em suas telas sempre dispostas no chão de modo que pudesse andar sobre elas e entrar em suas obras. Antes de apresentarmos o artista, propusemos para as crianças uma atividade com brocha e tinta sem o contato com o suporte. A princípio a turma ficou confusa, pois nas aulas com tinta era comum usarmos aventais para evitar manchas e forrarmos mesas etc. E o sapato nunca sujou durante as atividades, até agora... Essa técnica, chamada de Action Painting, exige espaço, tintas “voam”, espirram. E as roupas? Ah! As roupas... Para que não restassem dúvidas entre as crianças, pegamos a brocha, a tinta e num movimento chicoteado lançamos tinta no papelão que estava no chão. “Ah... é assim?” disseram eles, e a diversão tomou conta da atividade. Depois desse primeiro contato com a Action Painting, foi só usar a imaginação e diversificar os materiais para criar, (bisnagas com tintas, sprays com tintas, colheres com tintas em suportes diversos: papelão, parede, caixas etc.) E o que tudo isso tem a ver com a física? Durante nossas investigações aprendemos que a luz branca, a mesma das produções de sombras e penumbras, é formada por sete cores, cores do arco-íris. É lindo e encantador ver um arco íris, mas não dá pra pegá-lo. Transformar essas cores em algo palpável possível de criação deixou nossa turma entusiasmada, e cada um pode criar seu próprio arco íris, se sujar com ele, entrar dentro dele, assim como Pollock fazia. (Vide anexo XIV)

RESULTADOS: Todo o processo das conquistas das crianças foi exposto na Mostra Cultural da escola que contou com a presença dos familiares das crianças e comunidade do entorno. Na exposição, os visitantes puderam não só apreciar o trabalho, mas também participar de um espaço interativo de produções de sombras em suas cores primárias em um ambiente preparado para que os visitantes repetissem as experiências

já vividas pelas crianças. (Vide anexo XV) As experiências e vivências que proporcionamos às crianças ficaram de alguma forma armazenada em uma “pasta” no cérebro pronta para ser acessada e ampliada ao longo da vida. Hoje avaliando o trabalho, penso que o conhecimento é infinito e que cabe sim, mais e mais na “pasta”, e estou certa que nossas crianças hoje conhecem bem mais sobre si e sobre o mundo.

CONCLUSÕES: Esta experiência trouxe ampliação dos saberes não só para as crianças. Quando estudamos sobre o desenvolvimento infantil, muitas vezes temos dificuldade de relacionar a teoria estudada com as práticas do dia a dia. Esta experiência enriqueceu-nos, pois provou que uma vez que a inteligência é formada pela experiência que a criança vive, então, nós educadores temos a responsabilidade essencial de propor vivências e situações que ampliem os saberes das crianças de maneira a aproximá-la da cultura mais elaborada. Quando se fala em creche, logo se espera uma lista de atividades de cuidado: ensinar práticas de higiene, hábitos alimentares, evitar acidentes, etc. No entanto, para além do cuidado necessário em qualquer espaço do convívio da criança, é preciso educar. Educar é mediar a relação entre a criança e o patrimônio cultural da humanidade. Educar crianças pequenas é, sobretudo, respeitar um jeito próprio de ver o mundo, é ter o olhar sobre o lúdico. Nosso projeto primou pelo traço de ludicidade em todas as propostas e o resultado foi de crianças interessadas o tempo inteiro. A variação na atividade se dava pela própria brincadeira das crianças. Quando Vygotsky diz que o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da atenção e da memória na criança é impulsionado de fora para dentro, ele nos aponta o quanto é preciso investir na criança em dar oportunidade de acúmulo de experiências que provoquem avanços que não aconteceriam espontaneamente, fazer junto, mostrar como, diversificar maneiras estimulando e impulsionando os saberes para que se internalizem. E a ludicidade é a porta de entrada.